

A LITERATURA COMO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

Johnnys Eliel Torcate¹
Maria Francimar Teles de Souza²
Osvaldo Bezerra Lima neto²
Maria Elizabete Roque da Silva³

RESUMO

O presente artigo versa sobre a relação da prática de leitura de obras literárias com o aprendizado na disciplina de história, uma vez que muitos alunos acabam se identificando com a disciplina devido ao contato com as narrativas literárias. Discutimos, à luz de White, Ricouer e Rüsen como a narrativa literária está estruturada, se comparada com a narrativa da história e qual o sentido prático na obtenção do conhecimento. Considerando que as obras narrativas, mesmo as de ficção, independentemente da plataforma ou formato que se encontrem, trazem em si elementos comuns com a História. Fizemos uma pesquisa com 478 alunos para sabermos quantas obras eles leem mensalmente e o gênero literário que eles mais gostam de ler. Em seguida, comparamos o rendimento dos alunos que afirmaram ler livros de literatura com o rendimento dos alunos que afirmaram não ler nenhuma obra literária.

Palavras-chave: Literatura, narrativa literária, narrativa histórica, aprendizado em história.

INTRODUÇÃO

Sem dúvida alguma ler e, portanto, não apenas decodificar símbolos, é uma das principais técnicas de apreensão do conhecimento que o ser humano já desenvolveu. Através dela podemos não só obter informações, mas, sobretudo, compartilhá-las. O principal veículo de compartilhamento de informação e conhecimento é o livro, antes, é claro, do advento da internet, que, por sua vez, mudou o *status* material do próprio livro, ampliando ainda mais o acesso das pessoas à leitura.

Ler é fundamental, pois “a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.” (PCN, 1998, pp. 69:70). Na escola na qual trabalhamos, os livros de literatura brasileira e estrangeira ainda são os personagens principais quando o assunto é leitura e na biblioteca da escola são os títulos

¹Mestre em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – pela Universidade Regional do Cariri – URCA, johnnystorcate@email.com;

²Mestra pelo Curso de Gestão e Política da Educação do Centro Universitário Latino Americano de Economia Humana - CLAEH – Montevideu, cimarteles@hotmail.com;

²Mestre em Educação – MPEDU – pela Universidade Regional do Cariri – URCA, educar.geoecologia@hotmail.com;

³Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA, elizabeteurca@gmail.com.

mais abundantes. Muitos alunos já estão familiarizados com a narrativa dos contos, fábulas e romances de ficção científica, o que favorece em muito o aprendizado da disciplina de história, uma vez que muitos alunos acabam se identificando com a disciplina devido ao contato com as narrativas literárias.

Ao tratarmos sobre o tema da narrativa, vem sempre à tona as discussões acerca da relação entre narrativa literária e histórica, que não são recentes e que vez por outra ressurgem com uma nova roupagem, mas o cerne do debate parece ser circular e orbita, geralmente, a natureza e função inerentes a ambas as narrativas. À luz de Hayden White e Paul Ricœur refletiremos a respeito das similaridades na constituição da narrativa histórica e literária, em que elas se diferenciam e se assemelham. A partir de Jörn Rüsen discutiremos a relação da narrativa com a experiência de vida do indivíduo e, por conseguinte, com a aprendizagem em história.

Considerando que as obras literárias de ficção, independentes da plataforma ou formato que se encontrem, trazem em si elementos comuns com a História, os estudantes que de alguma forma “consomem” literatura entram, geralmente, em contato com narrativas de duas naturezas: uma ficcional, própria do romance e outra analítica, própria da ciência histórica, mas que tem estruturas em comum com a narrativa ficcional.

Torna-se premente, portanto, compreendermos que relação tem o contato dos estudantes que leem obras literárias de ficção com o aprendizado em história, uma vez que os elementos que compõem as narrativas literárias (trama, contexto etc.) poderiam, por analogia, serem facilitadores na aprendizagem de temas relacionados à história. De forma geral, procuramos compreender a relação entre narrativa da história e ficcional e possibilidades de aprendizado no campo da disciplina de história.

Intencionamos, portanto, discutir a relação da narrativa histórica com a narrativa literária e como esta pode incidir no aprendizado da disciplina de História. Procuramos ainda problematizar dados estatísticos com o fim de exemplificar a relação entre leitura e a aprendizagem dos alunos – que leem ou não obras literárias – na disciplina de história, na escola de Ensino Médio na qual trabalhamos. Levando em conta o rendimento dos alunos, demonstraremos como o contato com obras literárias pode contribuir de forma significativa no desempenho na disciplina de história.

Para fins de pesquisa, nossas análises se detiveram às informações prestadas pelos alunos em um formulário da plataforma virtual *Google Forms*, disponibilizada no blog da

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

escola e nas informações do rendimento dos alunos na disciplina, cedidas pela secretaria da escola.

METODOLOGIA

O percurso metodológico desta pesquisa foi construído a partir das experiências como professor de História e coordenador do Centro de Multimeios da Escola Estadual de Educação Profissional Raimundo Saraiva Coelho, em Juazeiro do Norte, Ceará. Devido a isso, pudemos acompanhar a rotina de empréstimos de livros na biblioteca, atentando para quais gêneros literários eram mais lidos pelos alunos, os títulos mais procurados, a quantidade de livros que cada aluno lia mensalmente, entre outros dados. Atentamos também para a frequência com que os alunos pegavam emprestado livros na biblioteca e qual gênero preferido.

Decidimos fazer uma pesquisa com todos os alunos da escola a fim de mensurar suas preferências e frequência de leitura e comparar os resultados com dados fornecidos pela secretaria da escola sobre o desempenho na disciplina de história. Nosso intuito foi analisar a relação entre quantidade de livros lidos, gênero ao qual pertenciam, e desempenho na disciplina de história.

Por óbvio, inferimos que poderia haver uma relação diretamente proporcional entre quantidade de livros de literatura lidos e rendimento escolar na disciplina de história. Partimos do pressuposto de que as categorias descritivas e narrativas de uma obra literária podem ser comparadas com as mesmas utilizadas para se elucidar um fato histórico, como veremos explicado adiante.

DESENVOLVIMENTO

Propomos desenvolver essa pesquisa porque sabemos que o contato dos estudantes com a literatura e, portanto, com algum tipo de narrativa remonta ainda aos tempos de infância. Porém, nem todos os estudantes na tenra idade puderam ter acesso à literatura, o que dificulta, posteriormente, criar o hábito de ler. Na biblioteca da escola na qual trabalhamos tem disponível vários títulos da leitura nacional e estrangeira. Decidimos, então, mensurar como o hábito de ler poderia influenciar na aprendizagem em história, partindo do

pressuposto de que a narrativa transcende o campo da história e “pode efetuar-se na forma de procedimentos que influenciam a vida concreta” (RÜSEN, 2001, p. 156).

A relação da literatura com a história se dá, principalmente, através dos modelos narrativos. Segundo Hayden White, “toda explanação histórica é retórica e poética por natureza” (SUTERMEISTER, 2000, p. 44). Essa afirmação está relacionada à forma como o discurso está estruturado e não, em si, ao conteúdo do discurso. Assim, em um primeiro momento, literatura e história podem ter em comum um modelo narrativo. Talvez aqui tenhamos um ponto de convergência que leva muitos leitores de literatura a gostarem também de relatos históricos, já que ambas as áreas do conhecimento têm muitas semelhanças estéticas.

Citemos como exemplo a explicação do “passado”, que este, por sua vez, não pode ser observado, porque ele não existe empiricamente, mas apenas “rastros dele, então, “o historiador precisa figurá-lo, encená-lo, nesse caso o historiador tem de se valer da linguagem e da imaginação, o relato pretende uma encenação do passado”(CERTEAU, 1982, p. 19). White afirma que tanto os historiadores quanto os escritores de ficção operam no nível da representação através da linguagem, ou seja, ambos os discursos se utilizam da figuração para criarem uma “imagem verbal da realidade”. Sendo assim, segundo ele afirma, “a história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica” (WHITE, 1994, p. 138)

A ficção na história, como já foi dito, refere-se a sua forma estética, é a figuração da explanação sobre o passado, no entanto, os fatos descritos pelo historiador se ancoram numa experiência real, dele ou de outrem, que podem ser comprovados através das fontes. Portanto, apesar de lançar mão de vários recursos estéticos – segundo Paul Ricoeur,

Só do historiador se pode dizer, falando absolutamente, que se refere a algo de “real”, no sentido que aquilo de que fala pôde ser observado pelas testemunhas do passado. Em comparação, os personagens dos romancistas são simplesmente “irreais”; “irreal” é também a experiência que a ficção descreve. Entre ‘realidade do passado’ e “irrealidade da ficção”, a dissimetria é total (RICOEUR, 1997, p. 3).

Apesar de ser “irreal” a experiência dos personagens descrita pelo romancista, ela tem em comum com realidade o fato de experiências similares poderem ser vivenciadas na realidade. O próprio Ricoeur reconhece que “uma das funções da ficção, misturada à história, é libertar retrospectivamente certas possibilidades não efetuadas do passado histórico”, seria

uma espécie de “quase-passado da ficção”, o que poderia proporcionar uma reflexão sobre os “possíveis ocultos do passado efetivo” (RICOEUR, 1997, p. 3).

O panorama fictício criado pelos romancistas nas obras de ficção se parece com uma simulação de aspectos da vida real cotidiana, até porque os escritores ambientam muitas de suas histórias em lugares e situações que, de fato, são reais, ou que sua veracidade pode ser comprovada através de fontes históricas, como por exemplo, as histórias que são ambientadas na Alemanha nazista, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

O leitor pode ser levado a pensar a partir de categorias esboçadas em um panorama ficcional onde todo um arcabouço de informação e ideias que precedem a narrativa, como termos, conceitos e ideologias são articulados no processo de compreensão do texto. Rüsen afirma que a compreensão da narrativa pode, inclusive, “efetuar-se na forma de procedimentos que influenciam a vida concreta” (RÜSEN, 2001, p. 156). .Isto quer dizer a própria experiência advinda dos modelos narrativos pode influenciar no aprendizado do leitor.

Citemos como exemplo um trecho da obra *Mansfield Park*, da romancista inglesa Jane Austen (1817)

Após completar vinte e um anos, Maria Bertram começava a ver o casamento como um dever, e uma união como o sr. Rushworth lhe renderia uma fortuna maior do que a do pai, além de assegurar-lhe a casa na cidade, agora seu principal objetivo, e sentiu-se moralmente obrigada a casar-se com o moço caso o conseguisse. A sra. Norris mostrava-se muito zelosa em promover a união, com todos os incentivos e artifícios possíveis de mostrar a vantagem para as duas partes [...] (AUSTEN, 2012, p. 48).

No trecho citado acima, o leitor logo perceberá que a escritora descreve costumes e tradições que, apesar de não serem comuns no seu cotidiano, fazem sentido à medida que ele compreende e compara com elementos semelhantes no seu contexto, como o casamento e as obrigações dele advindas. Sem dúvida alguma, quanto maior o “leque” de informações que o aluno possui, maior será também sua capacidade de associação e compreensão. É assim também com a narrativa histórica, pois quanto maior o domínio de estruturas linguísticas maior será a possibilidade de compreensão do aluno.

Neste trecho, escrito no século XVIII, vê-se muito mais do que simplesmente as nuances e idiossincrasias próprias do contexto da autora – o que poderia muito bem ser analisado sob uma perspectiva de fonte histórica, mas o que queremos destacar são as habilidades que podem ser desenvolvidas pelos alunos no processo de compreensão textual.

O leitor, ao empregar um esforço no sentido de projetar os elementos sobrepostos na narrativa, também os significa e os compara a um parâmetro que é próprio de sua época, de sua vivência e maximiza, com isso, suas experiências, ao passo que compreende e dá sentido à narrativa. Logo, “a produção de leitura consiste no processo de interpretação desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa, questiona com o objetivo de processar seu significado” (INDURSKY; ZINN, 1985, p.56).

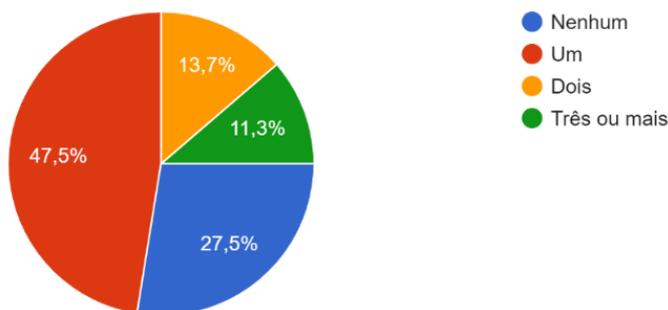
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos na pesquisa foram avaliados a partir dos gráficos gerados pela plataforma *Google Forms*. Como consta no gráfico a seguir, 476 alunos responderam à pergunta: *Quantos livros você lê por mês?*

Gráfico 1 – Quantidade de livros lidos por mês

Quantos livros você lê por mês?

476 respostas



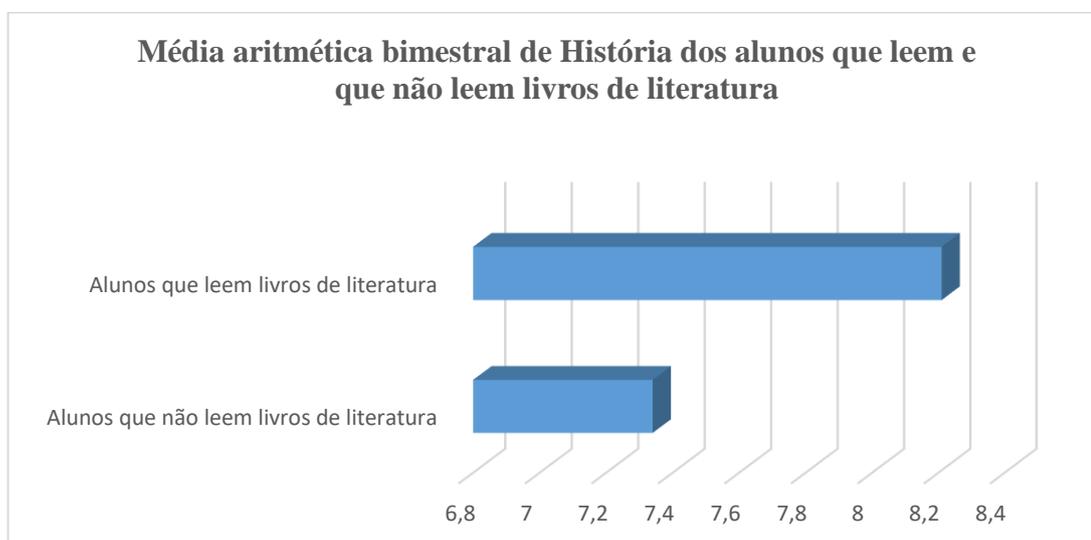
Fonte: Autoria Própria

Dos dados obtidos, 47,5% corresponde a 226 alunos, 27,5% a 131 alunos, 13,7% a 65 alunos e 11,3% a 54 alunos. Selecionamos dois desses grupos – os que leem mais livros e os que declararam não ler nenhum – para fazermos o comparativo de rendimento escolar na disciplina de História. No entanto, o número de alunos que declararam não ler nenhum livro por mês (131 alunos) é mais do que o dobro dos que declararam ler três ou mais livros por mês (54 alunos), sendo assim, selecionamos a mesma quantidade de alunos que leem mais livros dentre os alunos que declararam não ler nenhum livro, a fim de equiparmos a quantidade de alunos. Portanto, dos 476 alunos que responderam à pesquisa, selecionamos os

54 alunos que leem três ou mais livros e 54 alunos, dos 131, que declaram não ler nenhum livro.

Selecionamos as médias da disciplina de História do primeiro e segundo bimestre do ano de 2019 (dois mil e dezenove), obtidas no tempo normal de aula, ou seja, sem considerar a nota de recuperação paralela, quando houve, de ambos os grupos de alunos, e calculamos a média aritmética de cada aluno e, em seguida, calculamos a média aritmética geral, a partir da soma das médias de todos os alunos de cada grupo. O resultado está demonstrado no gráfico 2:

Gráfico 2 – Média aritmética bimestral da disciplina de História



Fonte: Autoria Própria

Resta claro que o desempenho dos alunos que declararam ler três ou mais livros por mês foi maior do que o desempenho dos alunos que declaram não ler nenhum livro por mês. Consideremos que a média adotada pela escola é 7,00. Essa diferença, portanto, representa 10,59% a mais no rendimento dos alunos que leem, se comparada com os alunos que não leem. Apesar de constatarmos que pode haver uma relação direta entre o aprendizado em História e a hábito de ler livros de literatura, algumas considerações de ordem metodológica precisam ser feitas.

Em primeiro lugar: muitos alunos que declararam não ler nenhum livro por mês obtiveram médias iguais ou superiores aos alunos que declararam ler livros mensalmente. Dentre os alunos que declararam não ler nem sequer um livro, pode haver aqueles que realizem outros tipos de leitura e que julgaram não entrar na classificação de livro. Em segundo lugar, como indicador de desempenho e aprendizado na disciplina de História,

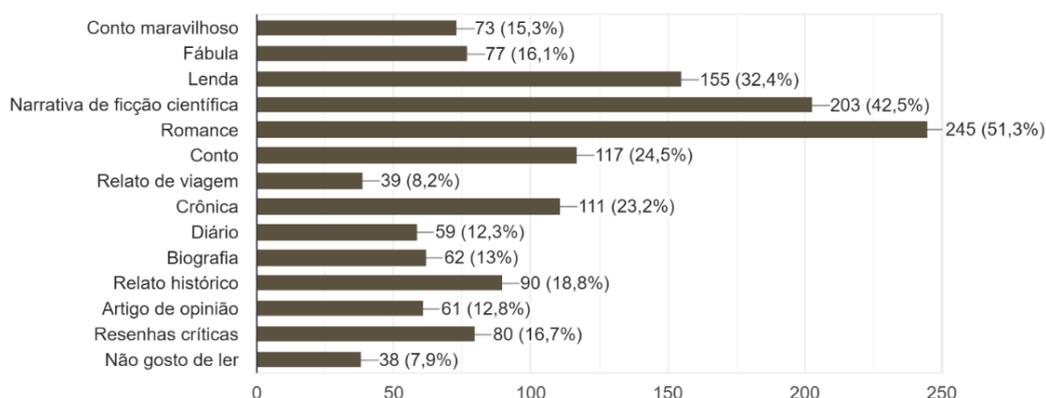
consideramos apenas as notas bimestrais, ou seja, apenas um critério objetivo quantitativo. Isso quer dizer que outros tipos de avaliação poderiam indicar uma conclusão diferente da que chegamos.

Feitas as devidas vênias, analisemos agora o gráfico relativo à preferência de leitura dos alunos, com relação a cada gênero literário por eles escolhidos:

Gráfico 3 – Gêneros literários preferidos pelos alunos

Qual gênero literário você prefere ler?

478 respostas



Fonte: Autoria Própria

A pesquisa foi realizada com 478 dos 516 alunos da escola. Nesse ítem específico da enquete os alunos poderiam escolher mais de um gênero literário de sua preferência. 245 alunos (51,3%) declararam que ao menos um de seus gêneros preferidos é romance, ficando, portanto, em primeiro lugar, quando comparado como os demais gêneros presentes na enquete. É relevante salientar que, exceto os alunos que declararam não gostar de ler, os demais gêneros podem se relacionar de alguma forma com o relato histórico. Vejamos, portanto, como cada um desses gêneros se relacionam com a narrativa histórica.

Contos, lendas e fábulas geralmente estão associados a relatos que objetivam transmitir valores e lições de moral e conduta, como os mitos, por exemplo. Para o sucesso da narrativa, no entanto, o autor precisar lançar mão de estruturas textuais e psicológicas para prender a atenção do leitor para que ele possa compreender o sentido daquilo que se quer transmitir.

Compreender a mensagem presente nesses tipos de gêneros nem sempre é um processo simples, pois exige do leitor um certo conhecimento dos valores das personagens envolvidas na trama, do contrário, o leitor pode não chegar a entendimento algum. Sabemos, no entanto, que valores são perpetuados pela cultura e, portanto, vivenciados de diferentes formas em épocas diferentes. Sendo assim, em se tratando desses gêneros, uma pode ter sido a mensagem pretendida pelo autor quando da escrita da obra e múltiplas podem ser as interpretações e aplicações sempre que lidos em outros contextos. Em todo caso, as estruturas articuladas no processo de leitura desses gêneros envolvem interpretação, comparação e assimilação por parte do leitor, estruturas essas que também são articuladas na compreensão de um texto de História.

Relato de viagem, crônica e diário são gêneros que se utilizam amplamente da descrição de situações, de pessoas, paisagens e de experiências, muitas das quais relacionadas ao contexto do próprio autor. Além de descritivos, tais gêneros podem ainda serem analíticos, pois à medida que o autor descreve também analisa, ao ponto de, muitas vezes, análise e descrição se tornarem quase um todo indivisível. Talvez o que de mais se relaciona com a história nesses três gêneros seja a ligação com um contexto histórico bem definido, uma vez que o autor descreve experiências que ele vivenciou ou que poderia ter vivenciado nas circunstâncias nas quais se encontra.

Nesse tipo de relato o leitor é apresentado a várias cenas que ele próprio precisa recriar em sua mente, pois ele não as vivenciou, estimulando, com isso, a imaginação. Sendo assim, um relato de viagem, uma crônica ou diário podem contar uma versão, um ponto de vista a respeito de algo. Gêneros desse tipo podem ajudar a desenvolver alteridade e a imaginação, tão prementes no campo da História.

A biografia e o relato histórico são eminentemente narrativos e tradicionalmente os gêneros literários mais empregados na escrita da história. Os demais estão relacionados mais aquilo que o historiador pode utilizar para tecer seu relato, ou seja, como fonte histórica, apesar de os historiadores poderem escrever histórias também de forma poética. Talvez seja necessário, tanto para compor a biografia quanto o relato histórico, uma pesquisa detalhada para que o autor se inteire dos fatos que ele pretende narrar. Os primeiros historiadores da Antiguidade se ocuparam muito em fazer relatos históricos e biográficos dos reis, imperadores entre outros personagens de prestígio social em suas respectivas épocas. Hoje, sobretudo, jornalísticas, historiadores, literatos entre outros profissionais se utilizam desses gêneros literários.

Artigo de opinião e resenha crítica são produzidos em praticamente todas as áreas do conhecimento, uma vez que ambos se definem mais por sua estrutura formal do que pelo seu conteúdo. É possível produzir artigo de opinião sobre quaisquer assuntos de interesse de estudiosos de determinada área da ciência ou nicho da sociedade. Esse gênero é amplamente empregado no meio jornalístico, com a finalidade de sustentar determinada posição sobre diversos assuntos. Os leitores desse tipo de gênero procuram os artigos que tratem de assuntos de sua preferência, pois via de regra estão interessados na opinião do autor.

Podemos citar como aptidão que pode ser desenvolvida por quem se interessa por esse gênero literário a capacidade de defender uma determinada opinião fundamentada em argumentos lógicos e fatos verificáveis. Essa habilidade é fundamental na interpretação de textos históricos, pois eles estão estruturados de forma a exigir dos leitores perspicácia para discernir fato de opinião sobre o fato e ainda identificar os argumentos que sustentam determinado ponto de vista sobre os fatos históricos.

Em se tratando de romance e ficção científica a aproximação estética e retórica com o campo da História é tal qual que muitos historiadores a consideram mais como arte do que como ciência. Isto se deve porque o historiador, assim como o romancista ou escritor de ficção, apela para a retórica e compõe uma narrativa a fim de elucidar e explicar os fatos históricos. Em outras palavras: o historiador fabrica literatura ao escrever a história e o literato fabrica história ao escrever literatura.

Acreditamos que de todos os gêneros literários romance e ficção científica são os que mais contribuem para o aprendizado em história, porque movimentam estruturas linguísticas e psicológicas que ao nosso ver muito se assemelham àquelas que empregamos na interpretação e escrita de um texto histórico. Citemos, por exemplo:

Ainda que a ficção trate de um ‘quase-passado’ próprio da narrativa literária, ela proporciona, de certa forma, ‘possibilidades não efetuadas do passado histórico’ (verossimilhança), que serviriam muito bem para refletirmos sobre aquilo que *poderia ter acontecido* (*contrafactualismo*), e sobretudo questionarmos como o que aconteceu *pôde acontecer* (TORCATE, 2018, p. 87).

O exercício de refletir sobre as “possibilidades não efetuadas do passado histórico” – tão peculiar à ficção – pode favorecer o aprendizado em história à medida que os alunos forem instados a pensar a respeito das condições históricas que levaram a determinado desfecho. Não é nenhuma novidade que muitos alunos passaram a gostar da disciplina de

história devido ao gosto pelos romances, pois muitas dessas histórias são ambientadas em contextos históricos sobre os quais estudamos na escola. Citemos como exemplo as obras *A Menina que Roubava Livros* e *O Menino do Pijama Listrado*, que se passam no contexto da Segunda Guerra Mundial. Tais obras acabam por abordar muito do que a História já relatou, o que leva os leitores a conhecerem aspectos desse período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observou, as narrativas literárias e históricas têm muitas semelhanças, sejam elas estruturais ou estéticas. E essas semelhanças fazem com os que alunos que mais leem se identifiquem mais com a disciplina de História e tenham aprendizado mais satisfatório do que os que não leem.

Através dessa comparação de desempenho comprovou-se que o poder da leitura vai além do conteúdo do livro. O leitor usa todos os seus conhecimentos para situar os fatos no tempo e se deleitar com a narrativa, seja ela histórica ou literária. Porém, sabe-se que essa não é uma comparação fácil, em virtude das inúmeras circunstâncias que o processo de leitura exige. Mas sabe-se também que algumas das ações articuladas para a leitura também se articulam com as que são ativadas para estudar as disciplinas, tais como a interpretação, comparação e assimilação por parte do leitor, como aconteceu com as narrativas literárias e a disciplina de História para os alunos que mais leem, na escola investigada. Isso acontece porque as obras narrativas, mesmo as de ficção, independentemente da plataforma ou formato nos quais se encontrem, trazem em si elementos comuns com a História.

Nessa perspectiva, todos os gêneros são colaboradores da aprendizagem. Contudo, quando os tipos textuais se assemelham à disciplina estudada, como é o caso relatado, o aprendizado acontece com mais facilidade. Isso porque a leitura cria uma relação entre a assimilação de conhecimentos e a formulação de soluções para problemas cotidianos ou mesmo para proposição de questionamentos ou comparações com a realidade. Acredita-se também que independentemente do tipo de leitura que se realize, se essa leitura ocorrer com certa regularidade, facilitará o aprendizado não só de História, mas de várias disciplinas.

Essa pesquisa, apesar de sucinta, serve muito bem para fomentar novos debates que contemplem a epistemologia da história, em especial, no tocante ao aprendizado e como ele pode se configurar na relação com outras áreas do saber humano, como a literatura, que é o caso em questão.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Mansfield Park**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

INDURSKY, Freda, e Maria Alice Kauer ZINN. “**A leitura como suporte para a produção textual**”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 5 n. 6 1985.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus. V. 3, 1997.

RÜSEN, Jörn. **A Razão histórica: a teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SUTERMEISTER, Paul. “**A meta-história de Hayden White: uma crítica construtiva à "ciência" histórica**”. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 97, junho de 2000: 43-48.

TORCATE, Johnnys Eliel. **A narrativa da literatura de cordel no ensino de história: desafios e possibilidades**. 2018. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Crato: Universidade Regional do Cariri - URCA, 2018.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.